

PÓS-MODERNIDADE E DIFERENÇA

Wladimir A. C. Garcia*

RESUMO: O ensaio estabelece um regime de complementaridade entre pós-modernidade, cultura e diferença, procurando extrair a potência do pós na modernidade, a partir da compreensão de uma condição marcada pela exaustão das ordens discursivas.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-modernidade. Cultura. Diferença.

POSTMODERNITY AND DIFFERENCE

ABSTRACT: The essay establishes a regime of complementarity amongst postmodernity, culture and difference, looking for extract a potency from the “post” of modernity, since the understanding of a condition marked by the exhaustion of discursive orders.

KEY WORDS: Postmodernity. Culture. Difference.

Di-ferir. Ferir o projeto. Rasgar o firmamento para a luz entrar. Suspender. Subverter a morte, o objeto. Multiplicar, mas também dividir, duvidar do múltiplo. Habitar os fragmentos, libertar-se da *prison-house* da totalidade. Redescobrir no evento plural o fundamento único da lei, a fonte de sua não-original presença.

O pós da modernidade não seria aí uma sequência, mas marcaria uma coexistência: de moléculas, de vírus, de corpos, de anticorpos, de linhas, de superfícies, enfim. Contágios de bordas, migrações de conceitos, vôo de partículas, novas sinapses. A arte de migrar. Passagens pós-modernas.

A ideia de modernidade reflete-se na distância pelos seus grandes deslocamentos, cósmicos, loucas rupturas já não mais possíveis na era da razão cínica. A pós-modernidade se expressa pelos seus efeitos de luz, como numa dinâmica quântica,

* Dr. em Critical Theory and Cultural Studies pela University of Nottingham, Inglaterra. Prof. na Universidade Federal de Santa Catarina, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Programa de Pós-graduação em Literatura. E-mail: wadcg@uol.com.br

Recebido em: 08/01/2010 Avaliado em: 22/01/2010

pelos seus alongamentos de sobrevivência, pela produção de próteses. Inaugura-se a cada dia a esfera do pós-humano.

A rasura e o palimpsesto funcionam assim, simultaneamente, como um processo de produção de diferenças, explosão de heterogêneos, nem branco nem preto, nem esquerda nem direita: flor e avenca, vespa e orquídea, lágrima e cobalto.

Pensaremos os termos desta distribuição: *pós-modernidade*, *condição*, *cultura e diferença*. A questão seria, neste regime de complementaridade, em que circunstâncias um termo pode ser o outro, como um responde pelo outro nesta falsa reciprocidade, marcada pela excedência e pelo excesso? Em última instância, como pode o *outro* ser incluído aí como salvação ontológica?

Trabalharemos, portanto, com os índices do problema, lembrando sempre que a diferença não é a síntese ou a generalidade dos termos que a precedem no encadeamento. Trata-se, de novo, de uma lógica do suplemento, marcada pela insuficiência dos quase-conceitos, que apontam para um resto. A própria diferença é um resto e a morte a sua radicalidade ou o Grande Resto. Os fenômenos sociais, nesta lógica, se inscrevem como espiral de relações, onde ocorrem trocas, e pontos se ligam, se substituem e se traduzem uns pelos outros. Singular e coletivo, simultaneamente. Sendo assim, cultura traduz diferença e é traduzida por ela, num gesto menos tautológico do que qualificador. Neste círculo fenomênico, condição, cultura e diferença constituem uma sequência impossível, mas, por algum outro lado, uma sintaxe sensível, pedaço de um momento inapreensível, que resiste à prisão de um corpo, ou seja, são uma *mo-vida* do Real.

O *pós* “como” condição, o *pós* “na” cultura, o *pós* “e” a diferença indicam-nos uma conectividade, uma relação de incompletude e de fértil transitividade.

1 O PÓS COMO UMA CONDIÇÃO

Condição histórico-social, associa-se à emergência de configurações geopolíticas e das sucessivas revoluções tecnológicas. Captura o seu tempo; escreve-se no ar. Frase sem sujeito/ enunciado sem referente ideológico. Envolve-se com sua contigência, com sua circunscrição (circum-inscrição). Mas é mais fluída do que isto: do seu cansaço essencial decorre a ideia de uma fluidez disseminada.

Como esta ideia, possui um discurso e modos de expressão localizados. Tem, apesar de sua condição, uma redefinida força política. Sua imagética veloz, que conduz suas forças, é também sua condição de existência. Emergem, portanto, linguagens daquele cansaço histórico. Entre as suas aporias está justamente a vitalidade problematizadora que irrompe do cansaço de história, da degeneração dos grandes relatos, tanto redutores como universalistas.

A noção de transmissão é aqui labiríntica. Atua por sedimentação nas passagens, a exemplo do caos urbano que se instalou sobre os projetos das cidades modernistas. As duas cidades em que geralmente vivemos, a cidade imaginada e a cidade dura, não menos real.

É uma condição, como uma doença sem remédio. Esquiva-se, assim, de ser condicionada por um inconsútil processo histórico. Como conceito dele descartado, atua com ele: é contra-discurso ético-estético. Na sua esquizo-lógica, é triste e feliz.

Sendo assim, debate (se) (contra) a lógica triunfante, evolutiva, da alta modernidade. Ou seja, instala-se nas rachaduras do moderno. Na sua fragilidade programática, dá vazão às correlações polimorfas: causal ou casual? Contra o acento na racionalidade de fundo iluminista, o *pós* se coloca como crítica em ondas de complexidade, desconstrução do intolerável que o projeto da modernidade alcançou. O amálgama do iluminismo apressou a domesticação humanista. Uma pós-máquina crítica opera em outra voltagem do moralismo teórico-crítico e seu intento emancipador - mal disfarçado elitismo que procura recolocar como valor a figura do super-intelectual esclarecedor. A falta de caos energético resulta em esquemas monossêmicos, monocromáticos e homogêneos. Daí a necessidade de inverter a razão burocrática pela instância natural do caos e sua destruição criativa.

Contra aquele poder evolutivo, o *pós* é então uma questão de passado. Ou pelo menos de novas relações com o passado. Esta espécie de subtração, onde o passado virá; esta perspectiva transistórica é radicalmente temporal. Nela, o acidente essencial, a abismalização do presente, ocupa o lugar da lógica determinista e causal, que simplifica o processo histórico pela chave interpretativa da decorrência, em lugar da ocorrência. Por situar-se no devir, o *pós* da modernidade desafia-nos a pensar a velocidade do tempo: sua fluidez desenha, no ar, uma poética do presente. Como condição, franqueia um platô de expressividade, onde o puro perigo enerva a visão.

2 O PÓS NA CULTURA

Eis a cultura posta sob perspectivismo, histórico, mas também moral. Portadora de valores edificados tijolo por tijolo no jogo criativo-social, a cultura triunfante do eu tagarela é o produto de um jogo de forças que não hesita em oprimir pela ânsia de hegemonia e controle. Quase sempre em nome de um humanismo, a velha verdade. Daí a necessidade de uma crítica a marteladas, de uma transvaloração. Por isto, o *pós* é um espaço onde não há saudade da tradição, nem lamento por um *topos* que nunca foi. Só há o sentido que podemos inventar: do passado emerge aquilo que dele sonhamos, este o nosso legado, o novo, ainda que de novo. Talvez somente uma

cultura da invenção possa aplacar o nosso cansaço da cultura institucionalizada. Sem esta experiência cultural de reinvenção do mundo para si, não conseguimos pensar com autonomia, em que pese qualquer dependência que ainda arrastemos. É nesta chave de ruptura que escrevemos “educação e cultura” na pós-modernidade. Aí onde se abrem origens não-originais e finalidades sem fim, um pluralismo cruel e violento alerta-nos para uma cultura deslocada do ser e do fazer; remetendo-nos para a cultura como projétil formador. Sendo assim, o jogo entre continuidade e suas fissuras, esta coexistência virótica, previne-se tanto da tábula rasa juvenil e como da modernidade como ciclo histórico. Já não precisamos salvar nenhuma dialética tranquilizadora. Desconstrói-se, por contingência, a História em favor de genealogias necessárias para leituras com frescor. Esta sensibilidade pragmático-estética relaciona sabedoria e teoria, produz vazamentos ideológicos e opera uma clivagem entre cultura e poder. A criação de valores torna-se, então, uma razão metodológica.

Eis que a esta volatilidade cultural segue-se um sujeito na pós-modernidade, que inclui na sua constituição as suas contradições: aos estados predizíveis, essenciais e permanentes, insinua-se, numa reversão crítica, o imponderável, o informe, o intempestivo, os polos não-opostos, as linhas de fuga, enfim.

Eis que surge o sujeito indeterminado e soberano no seu desejo. Ele carrega o seu espaço frágil com ele, numa condição de possibilidade recíproca (o espaço existe na razão direta do que o povoa), já não faz sentido o indivíduo e a sociedade como presenças metafísicas. Aí mesmo onde a mediação é fadada ao fracasso, dando lugar às rupturas e traições; onde o mediador é um impostor. Neste tempo intenso, que dura, a história do sujeito é a história de um resto, uma permanência que se desloca, deslocando as essências que o formatavam. Do sujeito orgânico auto-identificado às suas metástases: ele é as suas projeções imaginadas. Ele se constitui discursivamente, na contramão dos significados do mesmo identitário. Os sentidos, ao contrário dos significados com suas polissemias controladas, existem na suspensão, são produtores de diferença formativa. Da posição perante o mundo a uma ação no mundo: a lógica dos sentidos.

Subjetivação da política, reinvenção do político, respondendo ao controle social com nenhum poder, com aquele não querer possuir, tal o anticlímax da energia *pós*. São blocos de forças que constituem este biopoder, como uma última/ múltipla reserva que emerge daquele cansaço. No lugar da identidade fixada na parede, um devir identitário que agencia fluxos de desejos. Nestes, criam-se as formas das margens: o aberto, o descontínuo, o incerto.

Deslocando o eixo das sobredeterminações (o econômico, o social etc.) e de suas oposições (de classe, de ciclos etc.), a cultura ganha em liquidez e heterogenia. De *ethos* a *lócus*. De enunciação. Não-representacional. O mundo-signo articula-se como

série de ficções: ficções políticas, ficções nacionais etc. É aí que vaza o ideológico na face do descontínuo cultural e de sua não-original presença. Tradição e *paideuma* debatem-se na coexistência. A identidade torna-se o que exclui, uma questão de alteridade.

Nenhuma saudade, portanto, de uma unidade fictícia, supostamente original. A vigília sobre as reduções do particular ao universal. O *pós* efetua, assim, a crítica ao falocentrismo de transmissão da herança, reinvestindo nas cenas da escritura como remédio e veneno. Os culturais desconstroem o mito das identidades homogêneas e seus mecanismos de edificação hegemônica. Do outro lado da espada, estão o medo intermitente, a exclusão excludente e as ordens discursivas. O que se oblitera são as identidades compósitas, as trocas de forças e a diferença mesma.

3 PÓS-MODERNIDADE E DIFERENÇA

A possibilidade de pensar a diferença em si mesma passa por colocá-la fora das exigências da representação. Aquela diferença, produzida pelo simulacro, que se afasta do referente e do modelo a ser representado, do idêntico, permanece, para o juízo da própria representação, maldita, inorgânica. Os simulacros não respeitam nem o fundamento, nem o fundado. A questão é que a representação não consegue ser infinita, orgiaca, ela não consegue capturar o grande demais e o pequeno demais da diferença. Ela não adquire aquele poder de descentramento e de divergência da diferença porque ela tem necessidade de um mundo convergente, monocentrado, que apenas fixa a diferença como identidade, entre o excesso e a deficiência. Neste sentido, a diferença é a antinomia da representação. O *pós* é a atmosfera ou a paisagem onde se respira ou se vislumbra para fora da representação.

Fica posto que a diferença não se subordina à identidade do conceito - ela deixa de ser um conceito - e do sujeito pensante idêntico, enunciador do senso comum do conceito, que faz desaparecer a diferença do pensamento; tampouco à semelhança pelo “bom senso”, semelhança do sensível consigo mesmo, pela assimilação do diverso tomado como matéria do conceito idêntico - ela é irreduzível; e, ainda, não se iguala ao negativo, mistificado. Ao contrário, a diferença é afirmativa, afirma-se uma diferença desde uma positividade da ideia-problema. A natureza da diferença é individuante. Um indivíduo só pode ser pensado como portador de diferenças. A diferença é, sobretudo, um processo de produção de diferenças, e, para tanto, é necessário enfrentar o indeterminado e o sem fundo dos fundamentos. O simulacro organiza séries em que nenhuma possui a identidade de um modelo e nenhuma goza de privilégio sobre a outra, nenhuma possui a semelhança de uma cópia. A comunicação

entre tais séries de diferenças dá-se não por oposição ou analogia, mas por meio de diferenças de diferenças. Uma certa distribuição nômade substitui as distribuições sedentárias, fixas, rígidas e excludentes da representação. Daí podermos concluir com Deleuze, que no lugar da identidade fixa, auto-centrada, idêntica a si, coloque-se a fluidez da diferença, como processo infinito e criativo.

A diferença acrescenta a divergência e o descentramento, na forma de um eterno retorno do diferente, nem do mesmo, nem da sombra do negativo. Neste sentido, a crítica à cultura de Nietzsche leva-nos a pensar que nem o mesmo retorna, nem o negativo, somente a Afirmação, o Diferente, o Dissimilar.

Neste movimento, inevitavelmente cultural, de fluidez, vazão e deslocamento, onde outras *epistemes* são formuladas, pós-modernidade e diferença conjugam-se na tarefa existencial de colocar a diferença no centro da identidade.